

# DON QUIXOTE

de Angelo Agostini  
Largo da Carioca N.º 4 (Sobrado)



Don Quixote e Sancho Pança agradecem a Imprensa seu benevolo acolhimento.

# O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1901

Escriptorio e Redacção  
LARGO DA CARIOCA N. 4  
SOBRADO

—):(—

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno. . . . .	25\$000	Anno. . . . .	30\$000
Semestre . . . .	14\$000	Semestre . . . .	16\$000

NUMERO AVULSO 1\$000

## CHRONICA

Meus bons leitores, eis-me de novo, apoz uma ausencia que de certo foi mais dolorosa para mim.

Dolorosa porque ha uma corrente sympathica e forte entre o leitor e chronista, cadeia que nem sempre prende o que lê, mas se apodera sempre do que escreve.

Deixando correr a penna na chronica desprerenciosa, dizendo o quanto vai num cerebro ligado directamente ao coração, dizendo muito sincero, muito confiantemente o que sinto, parece-me fallar no mystico desabafo da confissão. Parece-me que tudo quanto me sahe do bico da penna, em lettra, confusa, nervosa, precipitada e febril, são bocados de meu espirito, que lanço aos quatro ventos. Escrevendo com essa ideia terrivel de que é para o publico tenho sempre um horror infinito, um vago receio, de que a minha alma a descoberto, despida e só, provoque a censura e desabroche oriso. Tenho terror de quando digo, do sentimentalismo que vibra em mim, dos pezares e das alegrias que iaspiram as cousas.

Porque apezar, de todo pavor do publico, que me apparece como um ente indeciso e terrivel, de riso sarcastico, ou sorriso compassivo, apezar do receio que tenho sempre, da impressão geral, uma força impulsiva, irresistivel abre-me o coração, faz-me fallar com intimidade completa, dizendo quanto penso, para tremer depois.

E nada me detem, a penna não obedece ao segundo Eu, que observa e ri, impassivel de dó, incapaz de um auxilio, contentando-se em gosar o meu desvario, as minhas hesitações o meu terror.

Entrevejo então o publico o bom publico muito semelhante ao segundo Eu,

tão zombeteiro, tão cruel, tão implacavel e severo com essa fera, que não perdoa.

... Não estou eu a dizer... Cá estou perdido, fóra do assumpto, as verdades ingenuas e disparatadas a saltarem a meu pezar pelo bico de penna. E o monstro a rir, a rir, como quem diz — já estás delirando, amigo; que grande piegas, que pueril e vago me sahiste.

E tem razão o malvado. Faço ponto. Com este diabo a observar-me não posso escrever.

GATINHO.

## A SEMANA PELO TELEGRAPHO

Vai haver um Congresso Americano no Mexico, com o concurso de todas as nações, e do lago Michigan ao estreito de Magalhães a diplomacia arde em polvorosa, as notas se cruzam, a intriga se insinua, falla a simular grandes interesses feridos, jogando por tabella, alliciando amizades para servir odios, formando partidos para realisar sonhos, levantando questões, trazendo à tona questões particulares, agindo fallando, escrevendo...

Mas tudo isso se comprehende.

E' muito natural que cada um trate de seus interesses. E' logico e explicavel que o Perú e a Bolivia tragam ao terreno das attribuições do Congresso o caso de Tacna e Arica, que é para essas republicas a questão magna da actualidade; comprehende-se que o Chile se recuse a discussões d'esse genero, no alludido Congresso, por entender que isso o prejudica, comprehende-se, que, por amizade ao Perú, ou por odio ao Chile, a Republica Argentina tome a peito a questão, e quebre lanças por uns, fazendo guerra a outros, comprehende-se que os Estados-Unidos satisfaçam por qualquer motivo a vontade do Chile, que o Brazil mantenha a mais perfeita neutralidade, de accôrdo com a sua sabia politica internacional, comprehende-se emfim, que todas as republicas da livre America, desde o colosso Yankee aos minusculos estados da Costa Rica e do Equador, façam qualquer cousa, digam isto ou aquillo, tomem esta ou aquella iniciativa.

O que não se comprehende, porém, o que causa assombro e desconcerta é o empenho, é o calor com que a imprensa de Londres discute o caso, emite opiniões, dá sentenças (platonicas, graças a Deus)

e tenta, a viva força, fazer-se ouvir no assumpto, quando nada a envolve nelle, quando nenhum interesse ou direito lhe cabe no caso de um Congresso Americano, para discutir e resolver questões de interesse commum no continente.

Ninguém percebe sob que ponto de vista póde ser encarado esse empreendimento para provocar tão grande alarido na imprensa da City; não sabemos em que se funda a illustrada imprensa ingleza, para julgar inconveniente e inutil esse Congresso, para dar conselhos ás nações americanas, prevenindo-as contra « as manobras do Yankee », insinuando que os Estados-Unidos amadurecem planos tenebrosos de absorpção, conquista e prepotencia; para bradar aos céos, assustar os povos sul-americanos com o phantasma de um Yankee, perfido e voraz, um papão horrendo que quer e ha de engulir todo o sul do continente.

O Congresso de Haya não preoccupou tanto a nobre imprensa ingleza; não parece que os seus effeitos tenham sido deploraveis para o Reino-Unido, acreditamos até que em cousa alguma lhe modificou os actos e os planos.

Por que razão, pois, tanto interesse pelo Congresso do Mexico?

AERO-CABO.

## PELOS JORNAES

«Adriano Pereira Ramos, que com ameaças constantes de morte fóra a causa de Isolina Pereira tentar contra a vida...»

Hom'essa! Então com medo de ser assassinada quiz *assassinar-se*?

Chama-se a isso precipitar o perigo, ou então não acreditamos no facto. Quem tem medo de morrer não se mata.

\*

Diz o *Tic-Tac* da *Gazeta* sobre o duello:

«O que me regosija sobremodo, como cidadão e como christão, é que o caso tivesse sido liquidado como foi. Regosijome por um milhão de motivos, entre os quaes figura, como o principal, não ver estabelecido entre nós o terrivel processo do duello.

Em primeiro logar o duello não é absolutamente entre nós um meio nobre de desaffronta. Si este duello se tivesse realiado, si os combatentes tivessem sahido incolumes, a bella, a bellissima, a sensata opinião publica diria entre risos e chacotas que a cousa não havia passado de uma *farça*.

Se, porém, um dos combatentes ficasse estendido no campo, com o peito atravessado por uma bala ou pela ponta de uma

espada, essa mesma opinião, cheia de piedade pelo morto ou pelo ferido e de horror, pelo sangue derramado, teria logo para o sobrevivente o doce qualificativo que não tem para os maridos que matam as esposas indefesas — o de assassino.

Bom foi, pois, que este duello não fosse levado a effeito e melhor será que nunca nenhum o seja. »

De pleno accordo.

Mas ainda seria melhor outra coisa.

O duello não se realisou ?

E' caso para louvar a Deus de gatinhas. Mas imaginemos que nem tinha estado pinga não pinga, realisa não realisa ?

Isso é que era obra, hein collega ?

Emfim, é preciso não ser exigente e contentar-se com o que Deus é servido.

Contentemo-nos pois como o collega em ter ficado as cousas em golpes no amor proprio sem chegar ás preciosas pelles.

Toque o hymno !

CONSTANTE LEITOR.

### Irmã de Caridade

Via-a uma vez ao declinar do dia  
Trazendo a cesta preta sobraçada ;  
Pallida-pallida ; a physionomia  
Estava como o céu crepusculada.

Parou ao ver-me... Pallida e doentia,  
Inquiriu do caminho fatigada ;  
E, em todo o tempo que eu lhe respondia  
Ficou junto de mim acabrunhada.

Depois, continuou o seu caminho...  
Sempre pallida ; ao longe, a voz dolente  
Abaixava a cascata com carinho.

E eu via, numa ondulação remota,  
Adejar seu chapéo, tremulante,  
Como as azas de aquatila gaivota.

ADRIANO DE ABREU.

### Cá e Lá

LA'.

Um está em Madrid outro em Paris,  
querem bater-se em duello ; como arran-  
jar as cousas ?

Tal qual como nos jogos de xadrez.

Um vai para Italia e outro para a  
Belgica. Depois um passa para a Suissa,  
no momento em que o outro passa para a  
Belgica ; quando o primeiro chega á  
Suissa já o segundo está na Cochinchina ;  
resolve então voltar á Suissa, mas o se-  
gundo foi em busca d'elle para a India.

E assim indefinidamente os Srs. Buf-  
fet e Derouléde andaram a procura um  
do outro sem se encontrarem nunca.

O mundo é tão grande !

\*

CA'.

Um homem está fallando e ha alguem  
que não gosta da fallação e diz umas cou-  
sas más.

O homem volta-se.— Quem disse cou-  
sas feias ?

Só vê uma senhora, fallando.

— A senhora tem que se bater com-  
migo, por ter dito isto ..

— Eu ?! Mas eu não posso. Posso dizer  
desaforos mas não me posso bater.

Apparecem muitos homens, que todos  
tomam as dores da senhora. Todos se que-  
rem bater.

Mas (ó desgraça para a nobre institui-  
ção dos duellos!) já os indiscretos deram  
com a lingua nos dentes e duello fallado é  
duello gorado.

Assim rezam os canones.

### Garatujas

Diz um telegramma :

« Montevideo, 4.—Tem produzido ex-  
cellentes resultados o *serum* contra a tris-  
teza do gado, ora applicado pelos estan-  
cieiros. »

Arregalai-vos olhos !

Que negocio da China, sobretudo para  
nós cariocas, que, segundo dizem por ahi  
as más linguas, somos um povo triste !

E' preciso quanto antes experimentar  
esse *serum* nos bois e em nós. Em nós  
principalmente.

O diabo é se o remedio só tem effeito  
nos bichos ; seria pena, mas eu por mim  
não desanimo. Ha um meio.

Inocula-se o *serum* em todo o gado,  
elle desata a rir e como o riso é conta-  
gioso a questão é viver nos curraes.

\*

Outro :

« Buenos-Ayres, 5. — O departamento  
de hygiene queixou-se ao ministro do in-  
terior da inexactidão nas informações  
consulares sobre o estado sanitario do Rio  
de Janeiro, que declararam satisfactorio. »

Já estava demorando.

Puêra ! Pois então ha de haver ya-  
riola em Buenos-Ayres e não haver cousa  
alguma no Rio de Janeiro ?

Isso é lá possivel !

Quarentenas, amavel vizinha, quaren-  
tenas contra o Brazil é o melhor remedio  
que se conhece para variola dentro de  
casa.

\*

Lê-se nos annuncios do *Jornal* :

« Uma senhora séria, insinuante e  
sympathica, precisa da protecção de um  
cavalheiro honesto. Não é exigente... »

Era só o que faltava !

Ora... tenha modos...

CHICO ARANHA.

### Piadinhas

— Então a questão da agua, que era  
o assumpto magno da semana passada ?

— Deu em agua de barella.

— Então é porque não querem fazer  
nada.

— Se quizerem mais claro ponham-lhe  
agua.

— Pois sim. Isso é cousa que não ha...

\*

— Ao que se diz, desta vez calçarão  
decentemente a rua do Ouvidor.

— Mas porque diabo não fizeram isso  
ha mais tempo ?

— Sei lá, filho. A questão era de pro-  
cesso. Uns propunham o calçamento de  
granito outros o de madeira.

— E então ?

— Ahi é que era a difficuldade, nessa  
discussão de calçamento, punham-se a dar  
por pãos e por pedras, e...

Tico-Tico.

### Fumaças

Os jornaes publicaram uma historia  
muito curiosa : trata-se de uma mulher  
que é entregue a um cavalheiro em uma  
barca da Ferry.

Até ahi já o factio é extranho ; em to-  
dos os tempos, desde que o mundo é  
mundo, nunca um ente do sexo barbado  
recebeu uma mulher assim sem mais  
aquella, sem uma consignação ao menos,  
e o que é mais, sem saber o que fazer  
d'ella.

Porém o mysterio vai mais adiante.  
Essa mulher, specimen, originalissimo  
das filhas de Eva, recusou-se obstinada-  
mente a fallar. Sorria, caminhava, senta-  
va-se, passeava... mas não fallava.

Oh, prodigio !

O homem a quem coube encontrar  
essa raridade, encavacou ; o pobre quando  
vê muita esmola desconfia. O homem des-  
confiou, uma mulher que não falla...



Ao seu lado está a sua «ella». Pela mais gentil e extremada galanteria, elle procura fazer esquecer a bizzarria da sua toilette, e de tudo offerece à sua «ella» que recusa muito seccamente.



Zé nota que ella presta a um primo, que está do outro lado, interessada attenção.—Estes primos! No entanto pensa consigo: ella me disse, o outro dia, que achava tolo e não podia supportar-o.—Oh! as mulheres!

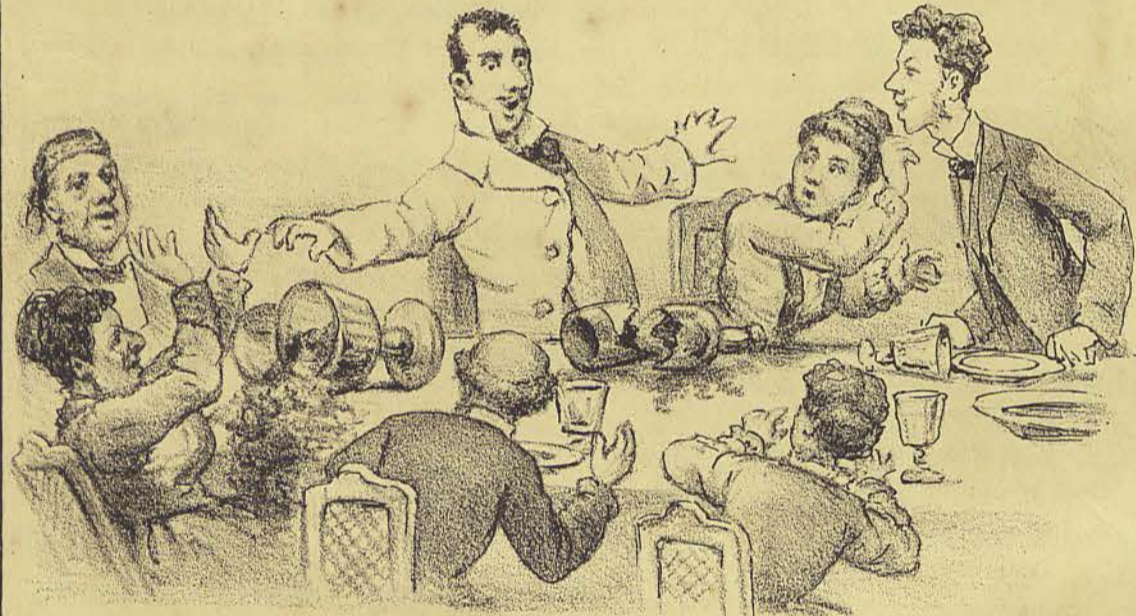


Zé começa a encavar seriamente com o colloquio entre os primos, que de vez em quando abafam gargalhadinhas de moça.— Fallam de mim com certeza... mas é preciso disfarçar e mostrar que não dou cavaco. Vou offerecer qualquer coisa.



E pegando n'umas «croquettes» de camarão... Por fatalidade a manga do paletot, demastado larga, foi de encontro a uma garrafa de Bordeaux que tombou e

Zé entra na sala de jantar. Uma gargalhada geral o recebe. Porém, criando animo e com um sorriso meio amarello, resolve-se afinal a sentar-se à mesa.



quebrou-se, inundando a toalha e salpicando de vinho o vestido da sua amada! Zé, não podendo reprimir um movimento de espanto, bate com o braço n'uma compoteira de doce de calda, que esparrama-se todo sobre o vestido da senhora baroneza! «Tableau!»



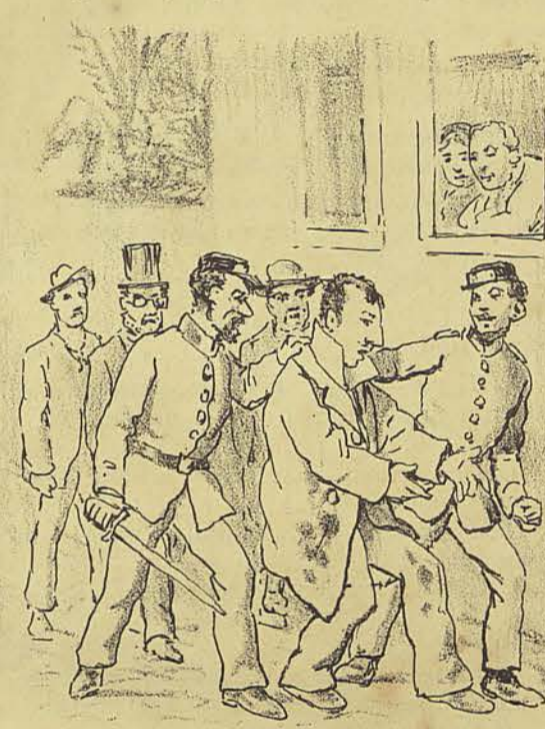
Zé, comprehendendo que não havia desculpa possivel, tratou de se pôr ao fresco e embarafustou pela porta, estarrando com um criado que trazia o peru!



peru e Zé rolaram pela escada abaixo.



Uma vez na rua, Zé correu para apañhar um bond. Um urbano, que tomara as nodas de vinho por manchas de sangue, seguiu-o apitando.



Zé não tardou a ser preso. Debalde protesta que não commetteu assassinato algum. Zé é levado para o xadrez.



Interrogado pelo commandante da estação, este declara-lhe, sorrindo-se, que reconhece perfeitamente que Zé não é nenhum criminoso mas simplesmente um bebedo.



—Bebedo é elle, disse Zé para o official, e dando um valente pontapé na mesa,



pulou fôra da estação e deitou a correr, levando todos os urbanos atrás de si.



Chegando à esquina de uma rua, topou com um Zé-Pereira que ia passando e tal era a velocidade da corrida, que furou um bombo.



Os urbanos appareceram logo. Houve grande sarilho e todos os membros do Zé-Pereira foram



levados para o xadrez, abandonando no campo de batalha varios trophéos carnalescos e o bombo julgado imprestavel.



20 minutos depois surgia de dentro uma cabeça!

hum... é como se a gente encontrasse um badejo fazendo concorrência ao Barbosa Lima em eloquência, uma cobra gesticulando, o *Jornal do Brazil* sem bonecos, a Camara em sessão n'um dia santo ou outra qualquer raridade estranha.

Ora, quando se desconfia a primeira cousa a fazer é chamar a policia, a maior e mais severa desconfiada, que tem por fim desconfiar de tudo e de todos.

Foi dito e feito. E o delegado recebeu esta queixa *sui generis*.

— Seu doutor, aqui está esta senhora que não falla...

— Ah, é muda?...

— Não Sr... ou por outra, eu não sei, mas não falla...

— Quê, não falla?!... uma mulher?!... Estará doente? !!!

E, zaz hospital com ella.

Ora ali está, o que é a fama.

Mulheres todas, criticadas em prosa e verso, mulheres que toda a humanidade accusa e censura, cuja lingua é considerada a unica realisação do motu-continuo, mulheres que tendes fama de fragello dos humanos, fallai.

Fallai muito, fallai sempre, o mundo está acostumado a isso, não o perturbeis em seus habitos immemoraveis. A surpresa é violenta; se as vossas linguas já se querem deter, cançadas, d'esse labor infinito, desce o discurso com que Eva perdeu nosso primeiro pae; cessai aos poucos essa fallação, julgada eterna. Por emquanto é necessario proseguir a tarefa oratoria.

O sol morre, porém, ao spoucos, perdendo por seculo um atomo de luz e de calor. Que se diria ao vel-o apagar-se de snbito como a voz sumiu-se dos labios dessa mysteriosa de Nietheroy.

Mulheres que sempre fallaram, é mistar fallar ainda, fallar sempre, indefinidamente, *per omnia secula seculorum*.

E' o castigo imposto pelo muito que haveis fallado. Como Sisypho, o carregador eterno sereis as eternas falladoras.

CACHIMBO.

## Livro da Porta

Recebemos do inspirado maestro Francisco Braga, bilhetes para o seu concerto de amanhã no theatro *S. Pedro de Alcantara*.

## A SEMANA POR UM OCULO

### LUCTA INCRUENTA

Peça em varios actos e muitas scenas

(O scenario representa uma arena mais ou menos politica.)

Muita gente; de vez em quanto chega mais gente, que vem trazida por grupos numerosos de creaturas vivas e grupos ainda mais numerosos de creaturas mortas, de defuntos, que estão mortos *de verdade*, não fallam, não comem, não vivem, mas mettem-se em politica. Dos muitos, que estão na arena, a maioria dorme ou vai passear; ha grupos que se reúnem e lêem papeladas massudas — são commissões.

Uns fallam e de vez em quando se zangam, gritam alto dizem desaforos uns aos outros; o publico, que é exclusivamente composto de subditos brittanicos, não dá cavaco; no fim dos desaforos os contendores sahem e vão conversar juntos, comprimentando-se mutuamente.)

Personagens:

Um *Couraçado*, uma *Missal*, a *Companhia do Missal*, a *Imprensa* e o *Duello*.

Ao fando o commendador *Bom senso* e a *D. Prudencia* cochichão; não se ouve o que elles dizem.

Ao levantar o panno, o *Missal* atira sobre o *Couraçado* as mais campanudas cousas más.

O *Missal* — Você é um isto, um aquillo um aquillo outro; digo-lhe mesmo na cara.

O *Bom Senso* — Que diz você a isto, amiga Prudencia?

*D. Prudencia* — Eu não digo nada, é mais prudente.

O *Missal*, (indignadissimo) — Eu digo mais isso e aquillo; não fosse porque... você é um coisa...

A *Imprensa* (das galerias) — A' unha!

A *Companhia do Missal* — Apoiado.

O *Couraçado* (que acabou por se zangar) — Com quem é isto?

O *Missal* vira a folha e em lugar d'elle apparece toda a *companhia*. A *Imprensa* mette-se na discussão, gritam todos, o commendador *Bom Senso* e *D. Prudencia* tentam intervir; ninguem os ouve.

O *Couraçado* quer brigar a *Imprensa* sahe a correr e põe a bocca no mundo.

A *Imprensa* (gritando) — Vão brigar! Vai começar a Inana! E' só entrar, sentar e apreciar... Agora mesmo! Haja!

O *Missal* já não falla, toda a *companhia* toma o logar d'elie.

De repente, procuram o commendador, lembram-se de *D. Prudencia*, os dous perderam-se.

Todos discutem, a orchestra faz onvir em surdina motivos do Pirolito e o *Missal* canta em voz de baixo profundo:

« Pirolito que bate, bate,  
Pirolito, que já bateu  
Quem quer se bater é elle  
Quem não se bate sou eu. »

Trazem o *Duello*, mas em que estado! As vicissitudes da importação e a mudan-

ça do clima puzeram-n'o imprestavel; chegam *D. Prudencia* e o commendador *Bom Senso* que o acabam de o inutilisar.

*Todos* — Que diz *D. Prudencia*? Que diz commendador?

*Os dous* — Homem, eu acho que as folhas do *Missal* não são folhas de espada... considerando os nossos habitos, a igreja, eu, aqui a comadre Prudencia...

O *Couraçado* — E considerando tambem a *Imprensa*, essa mexeriqueira, que já deu com a lingua nos dentes...

*Todos* (em côro) — Nada mais pôde haver.

O publico de *inglezs* (que viu tudo) — *All right!*

A orchestra executa a valsa *Sobre as Ondas*.

Cahe o panno.

ARLEQUIM.

## ECHOS

Que lhes dizia eu?...

Não se vão tomando interessantes as sessões do Congresso? Não vão já surgindo as descomposturas, os dize-tu, direi eu, as historias velhas, as accusações, as brigas?

Os desaforos não vão engrossando pouco a pouco, o tom não se vai elevando dia a dia?

Hão de ver; é a ordem natural das cousas: o seculo passado instituiu essa novidade que ali vai progredindo pelo seculo vinte a fóra (ou a dentro como quiserem) sempre melhorado e augmentado.

Emfim rendamos graças ao altissimo ainda não houve pancada, o que demonstra a superioridade da nossa civilisação, a doçura dos nossos costumes, em comparação com alguns paizes da Europa,—a Austria por exemplo.

Ali, ninguem se entende, o que não admira (mesmo porque cada qual falla idioma diverso) e nas sessões do Reichstag é uma pandega. Os palavrões começam pelos ultimos, o mais baixo diapasão sôa retumbante como o trovão; infame e ladrão são as palavras mais doces que trocão em linguagem parlamentar.

Aqui, apesar de todos os pezares, as cousas são muito melhores. Os desaforos são comedidos, relativamente, o nosso trovão guarda um silencio discreto; a suas aparições assiduas no Senado não apovoram, não ensurdecem, ao contrario, é um trovão civilisado, gentil até, de uma delicadeza encantadora e uma amenidade captivante. Os insultos não são tão

ferozes e repetidos como em Vienna; ainda não se jogou pancada e os duellos ficam todos a realizar.

Ora graças a Deus!...

### ULTIMA HORA

Os telegrammas nos contam hoje.

«Paris, 7.—Realizou-se hoje o duello a espada entre o Sr. Max Regis, *maire* de Argel e o Sr. Laberderque, director do jornal *Revanche du Peuple*.

O duello, depois de 19 assaltos em que nenhum dos adversarios conseguiu ferir a outro, foi adiado, para continuar amanhã.»

A vista disso parece-nos inutil continuar. Quando dous adversarios não se conseguem ferir, torna-se vão o combate.

Indubitavelmente o duello é cousa que se tornou impossivel. Tambem por cá já tivemos disso. Verdade seja que por outros motivos e com differenças.

Julgamos contudo que o telegramma está incompleto. Quem sabe, se a ultima hora não se descobriu que um dos dous é padre ou cousa parecida?

Vivam os nossos duellos, que não cessam apoz de 19 assaltos; em geral, nem mesmo começam ou por outra, acabam canonicamente, isto é não *hão*.

## THEATROS

### SYMPHONIA

D'esta vez os metaes devem estrugir bem alto, sonoros, rutilos, n'um crescendo triumphal. Desta vez a symphonia deve synthetisar, todo o branco encanto, todo o esplendido prazer de festa magnifica, a festa de Lucilia Simões, em que tudo parecia se combinar para elevar bem alto o nome da nossa illustre conterranea, esperança que já é uma gloria, actriz já notavel, que ainda promete muito mais; em que tudo teve um fulgor raro para elevar o nome de Lucilia nos applausos de um exito completo, de uma victoria completa.

Victoria do dramaturgo, victoria de uma geração, de uma raça, de uma escola, de uma actriz, de todo o elenco de uma companhia.

Porque, com a impressão forte e deliciosa de *Blancette*, venceu Brioux, que revelou a uma mentalidade robusta e piedosa, ao publico flumimense, venceu a escola realista, o nobre e verdadeiro realismo sem grosseria, sem *outrance* para o mal, venceu a nova geração, que vem

substituir os passados com auctores como Hervieu, Courteline e Brioux, venceu o espirito latino, a nossa Lucilia e o actor Christiano, e seus companheiros.

Para a companhia Christiano, que tanto tem feito sem receber do publico justo apreço, o caso teve grande importancia. A esse esforçado grupo de artistas devemos o conhecimento da *Casa de boneca*, da *Consciencia dos Filhos* e outras peças de valor e agora tivemos a encantadora *Blancette*, desenvolvendo de modo a nos fazer ver que ao publico cabe a responsabilidade do tempo perdido, com *Lagartixas*, *Araras*, *Coralys* e outras peças do *Palais Royal* em vez do repertorio do *Theatro Antoine* e do *Vaudeville*, que a companhia pôde interpretar como está prova lo.

E o peor, é que este mesmo publico, que faz as carreiras rendosas, das peças, censura os actores, e os julga mal por estas concessões. Por isso é que registamos o caso com grande satisfação. A *Blancette* vem lembrar, que Christiano, Lucilia, Chaby, Mattos e o resto da companhia podem fazer mais do que *Hotel de Livre Cambio* e não há culpa d'elles se deixaram a verdadeira arte, pela pilheria e o qui-pro-quó.

Quinta feira 6, o *Recreio* encheu-se a transbordar de publico, que, acudindo em massa ao theatro, e applaudindo calorosamente fez justiça ampla e louvavel ao merito da Sra. Medina de Souza uma artista de voz rara—extensa e bella—que sabe profundamente a arte do canto e é uma figura superior, digna de um palco de Opera.

Fazendo ao pereta e até a revista a Sra. Medina na parte musical colloca-se sempre muito superior ao genero e faz ir do theatro os mais exigentes *dilletanti* que o encanto de sua voz lindissima e de sua rada arte enthusiasma e captiva.

Escolheu para a sua festa artistica graciosa opera comica de Planquette *Os Sinos de Corneville*, e a recita organizada em poucos dias foi muito bôa, mostrando que a companhia dispõe de bo is elementos para o genero e pôde, dedicando-se a opereta, fazer boa figura.

Ao que se diz, o exito dos *Sinos* vão determinar nova direcção á empreza que já está preparando o *Surcouf* para a proxima semana.

Desejamos vel-a nesse caminho, prospera e brilhante.

A companhia Souza Bastos deve chegar a esta cidade, terça feira proxima, com o seu elenco completo e numeroso corpo de côros.

A estréa será no dia immediato com a *Boneca* a nova epereta de Andran, que a mesma companhia representou no Rio de Janeiro, ha dous annos, com grande exito, ou com o *Giroflé-Giroflé*, a bella opereta, que não vemos ha oito annos.

O estimado comediographo Souza Bastos traz um grupo de artistas de valor, na sua maioria conhecidos e apreciados pelo nosso publico, que naturalmente fará magnifica recepção á companhia e sustentará longa e ruidosa temporada.

Os cafés concertos continuam animados e concorridos, variando continuamente os seus programmas e apresentando bons artistas.

A ultima novidade de maior vulto foi o deslocador *Carletta* o lagarto humano, que *Moulin Rouge* nos apresentou e que é deveras assombroso.

Moço ainda, de pequena estatura e magro, essa creatura parece não ter ossos e as suas articulações de uma malleabilidade, e elasticidade espantosa, permitem-lhe torcer e dobrar o corpo do modo inacreditavel, tomando as posturas e geitos extravagantes.

Chega a incomodar os nervos do publico fazendo-se julgar um ente sobrehumano, uma excepção, unica talvez, um caso digno de estudo, que desconcerta todos os conhecimentos anatomicos.

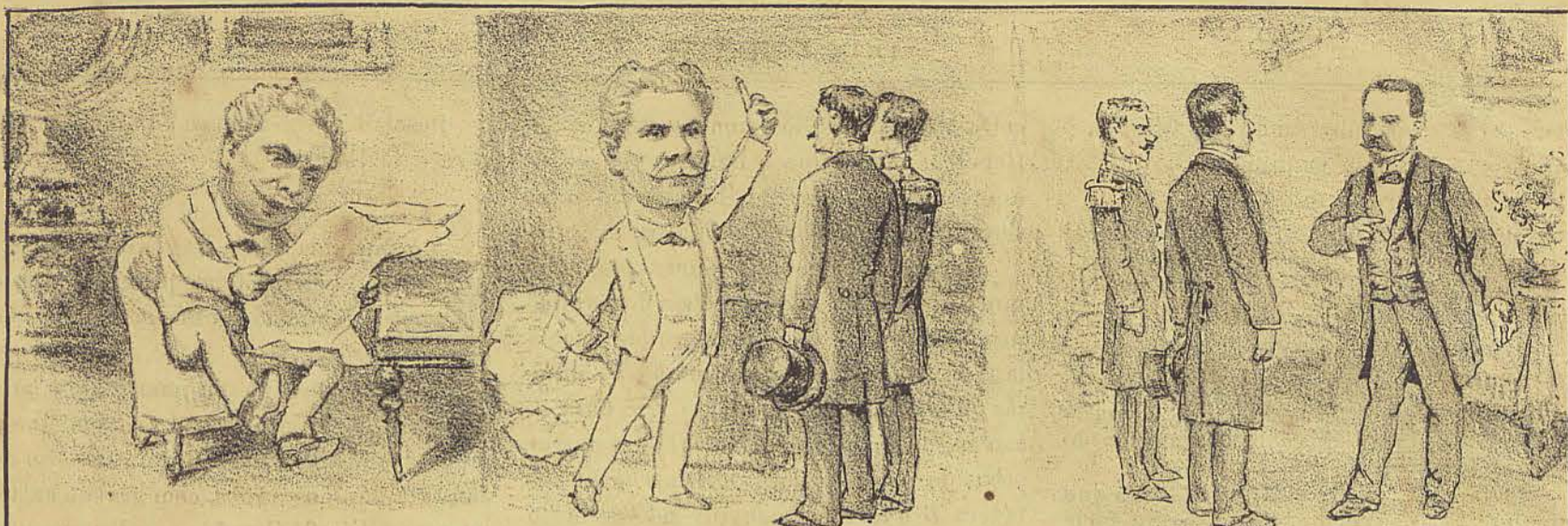
E' além d'isso equilibrista e acrobata de valor.

Por emquanto o caso do theatro Municipal está sem andamento. Foram apresentadas propostas para a construcção do edificio e contra o facto já protestaram os jornalistas e litteratos, que maior interesse tem demonstrado pela empreza de dotar o Rio de Janeiro de um theatro official.

Valha a verdade, esses protestos não causaram grande móssa aos nossos edis. Porém o caso é que até hoje não houve resultado da concorrência e se houve não veio a publico.

EMILIO FOGUETE.

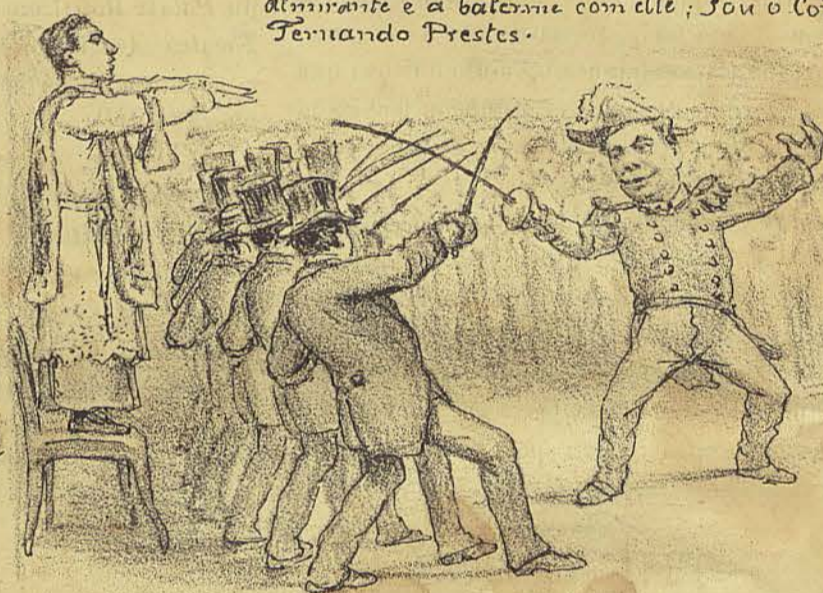
Um duello de morte. (Extraído d'«O País» do 5 de Junho de 1901)



Insultar-me, chamar-me de... em pleno Senado, e por um Sr. Vallois de Castro!

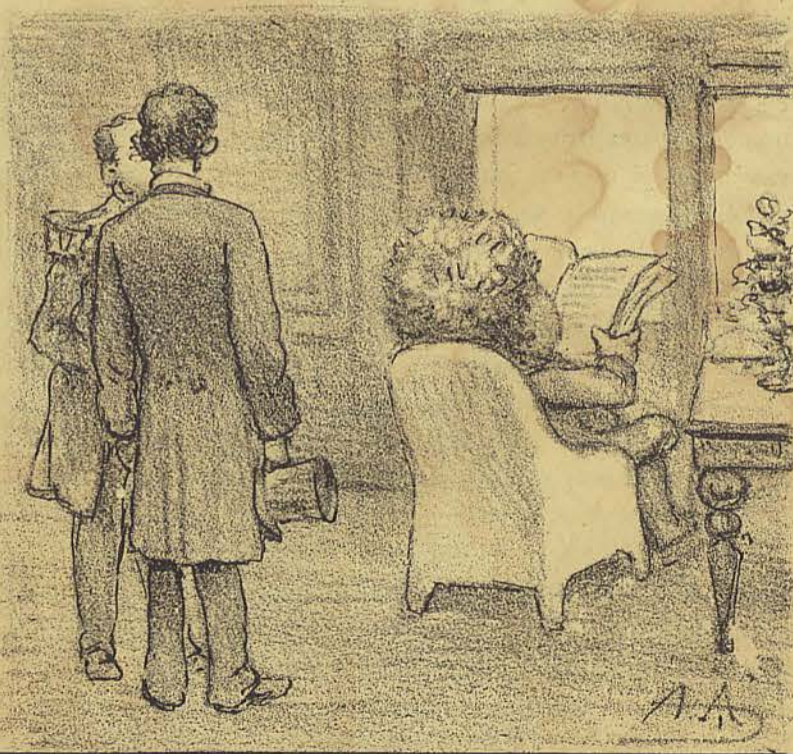
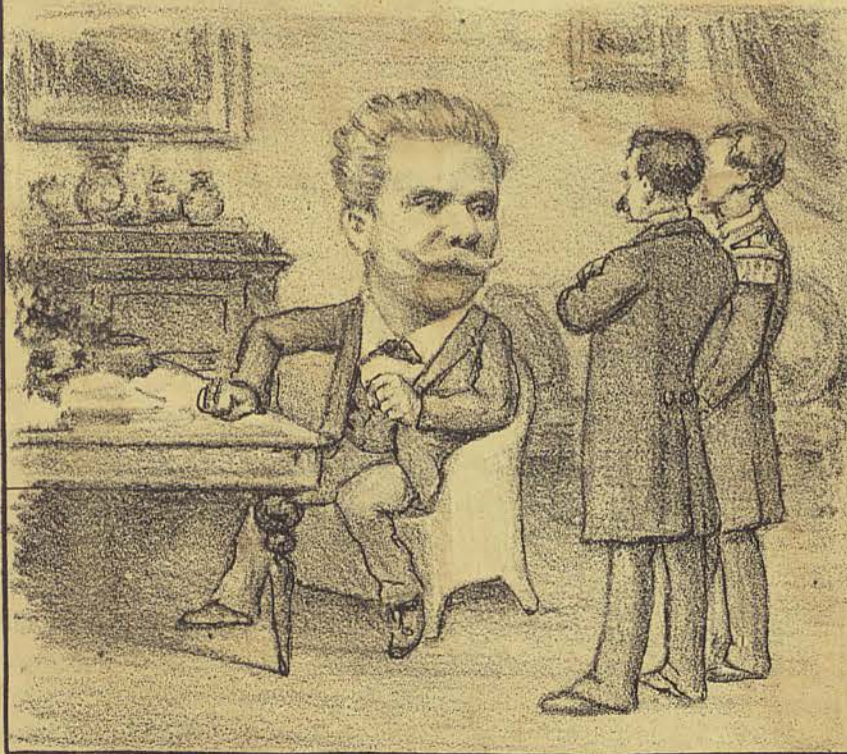
Mandei-os chamar como testemunhas. Ide ao Sr. Vallois de Castro e exiji um duello em meu nome.

O Sr. padre Vallois de Castro não se pode bater. A bancada Paulista é solidária de tudo o que disse o padre, e eu estou prompto a aceitar o desafio do Sr. almirante e a bater-me com elle; sou o Cor. Fernando Prestes.



Não se fallava em outra cousa. Um almirante e um padre a baterem-se em duello, havia de ser muito bom,

e batendo-se com a bancada paulista, que aceitou o duello... que grande pandega...



— Homem! reflectindo, acho melhor não fazer nada. A Imprensa já fallou; eu disse, que não desafiei ninguém; O padre é padre, e isto é o diabo!  
— Mas os paulistas, e principalmente o Sr. Fernando Prestes, está disposto a...  
Não fallemos mais n'isso... Isto é o diabo!...

— E o almirante...  
— E nós que figura fazemos...